



SERIAM TRAÇOS DE LÍNGUAS AFRICANAS NO PORTUGUÊS DO BRASIL?  
(WOULD THEY BE FEATURES OF AFRICAN LANGUAGES IN BRAZILIAN  
PORTUGUESE?)

Margarida Maria Taddoni PETTER (USP)

**ABSTRACT:** *The aim of this paper is to present and to discuss some features considered as a transfer of African languages in Brazilian Portuguese. The analysis is based on the humorous journals of the XIX century.*

**KEY WORDS:** *Brazilian Portuguese; African Languages; language contact.*

0. Introdução

A história social brasileira autoriza-nos investigar a relevância do contato lingüístico entre falantes de português, línguas indígenas, línguas africanas e línguas de imigração como um dos elementos explicativos da constituição e da especificidade do português do Brasil. Sob essa perspectiva, a ação dos aloglotas, particularmente os indígenas e os africanos, tem sido avaliada : (i) como propulsora de transferências que provocam o desvio da forma portuguesa e acarretam a mudança lingüística; (ii) ou como fato marginal, que não interfere substancialmente na deriva do português brasileiro. Qualquer que seja o julgamento, no entanto, deve-se proceder à comprovação dos dados lingüísticos, cuja identificação nem sempre é fácil, principalmente no nível sintático.

No que se refere ao contato com línguas africanas – objeto deste estudo – observamos que os trabalhos descritivos não permitem associar com segurança os fenômenos observados à transferência ou interferência de uma ou outra língua, seja pelo conhecimento parcial das línguas envolvidas, seja pela possibilidade de atribuir-se o fato identificado ao contato de mais de uma língua, até mesmo de outro conjunto lingüístico não africano. Além disso, deve-se ressaltar que o problema central dessa pesquisa é a dificuldade de localizar referências sobre a expressão lingüística dos negros, quase inexistente no período colonial, e dificilmente reconhecida no século subsequente. Talvez pela exigüidade de fontes, raros estudiosos tenham-se detido nessa busca. Dentre esses poucos, Alkmim (1998), embora perplexa diante da “lacuna histórica sobre um aspecto tão relevante da descrição e da caracterização dos grupos humanos”, vem perseguindo uma trilha promissora, na busca de dados sobre a fala de negros e escravos : partindo das referências esparsas encontradas na obra de Serafim da Silva Neto, revê um conjunto de obras que tratam da questão da escravidão e do negro, e analisa jornais e periódicos do século XIX. Aceitando a sugestão da autora e defendendo a pertinência do jornal ilustrado como documento lingüístico daquele século, proponho-me a estudar a fala de negro ali representada como ponto de partida para o estudo dos possíveis traços de línguas africanas no português brasileiro.



## 1. Análise dos dados

A imprensa do século XIX já apresentava uma segmentação significativa: acadêmica, literária, feminina, humorística. O jornal ilustrado surgiu um pouco depois da imprensa humorística; o primeiro título publicado em São Paulo data de 1864, *O Diabo Coxo* (Lima, 1963). O jornal ilustrado, como toda imprensa humorística, era combativo e irreverente, dispunha de uma liberdade que a imprensa política não possuía, por ser conservadora. Utilizava uma linguagem mais informal, chegando a registrar a língua falada, destacada muitas vezes por uma marca tipográfica especial, normalmente o itálico, principalmente nas charges, que retratam a fala diferenciada de negros, matutos, portugueses e estrangeiros, constituindo-se por esse fato um importante material para a pesquisa da representação da língua falada naquela época.

Dentre os jornais ilustrados, destaca-se a *Revista Ilustrada*, de Angelo Agostini, publicada de 1876 a 1895, considerada por Nelson Weneck Sodré (1966) como “o maior documento ilustrado do período da nossa história”. Embora nascido na Itália, Agostini ficou conhecido como o Debret paulista, a quem Lobato atribui a criação da caricatura no Brasil. Segundo Sodré (op.cit.), a *Revista Ilustrada* era lida nas cidades e nas fazendas, tornando-se a “bíblia da abolição”, na expressão de Joaquim Nabuco.

A publicação de Agostini, dada a sua representatividade como documento de uma época, é a principal fonte de dados para esta análise, mas também foram considerados outros jornais ilustrados do século XIX, como *Vida Fluminense* e *Mosquito*, citados a partir das referências de Lima (1963).

A escolha das charges como material de investigação justifica-se pela sua maior aproximação com a língua falada. Embora os diálogos se apresentem como falas estereotipadas, permitem-nos avaliar os desvios da norma ali retratados. As charges analisadas revelam uma linguagem usada como marca social; permitem, assim, associar e correlacionar parâmetros lingüísticos e extralingüísticos: pode-se identificar o estatuto social do falante, sua faixa etária e sua procedência (meio rural ou urbano), graças, muitas vezes, à imagem, que desvela o contexto e as circunstâncias que envolvem a situação de comunicação.

A observação dos diálogos evidencia, numa primeira análise, transformações fonéticas e morfológicas em proporção bem maior do que os desvios sintáticos. Nota-se, também, que:

- há formas variantes, principalmente para o pronome de segunda pessoa *vossuncê, voncê, vosmecê*; e o pronome de tratamento: *siô, sinhô, nhonhô*;
- os escravos falam português, com maior ou menor proficiência em função, provavelmente, de diferentes estágios de aquisição;
- não há mistura de termos de línguas africanas; a estrutura da frase e o léxico são do português;
- aparecem formas de saudação, interjeições, supostamente de línguas africanas, tais como: *uê, ô-ô cuô ilê lê*.

### 1.1. Marcas lingüísticas no nível fonético

Destacarei alguns fatos presentes nas charges que permanecem no português não padrão, discutindo a seguir a pertinência de sua atribuição à influência africana :



- apagamento da coda silábica em final de palavra constituída pelas consoantes *r,s,l*, em final de palavra, como : *esperá, calô, metá*, por: *esperar, calor, metal*;
- restabelecimento do padrão silábico CV, desfazendo encontros consonantais, como: *reculutamento, ministôro, africano*, por: *recrutamento, ministro, africano*;
- substituição da fricativa [ç] por [z], como em *Zuão, por João*;
- ieísmo: *trabaiá*, por *trabalhar*;
- reduplicação: *nhonhô*, de *nhô*, por *senhor*;
- alternância l/r: *êre*, por *ele*.

As línguas africanas que para cá foram transplantadas – na maior parte pertencentes à família Níger-Congo, de duas áreas principais, a ocidental, mais representadas pelos grupos kwa e benue-congo e as da área centro-sul, onde se falam as línguas do subgrupo banto (Bonvini & Petter, 1998:73) – manifestam preferência pelas sílabas abertas, aceitando, porém, como travamento, um som nasal. A sílaba canônica CV, no entanto, pertence ao nível fonológico, já que em muitas dessas línguas fenômenos fonéticos fazem aparecer no nível da realização encontros consonantais e sílabas travadas (Creissels, 1994:29-68).

Da mesma forma, a substituição dos sons apontados acima explica-se pela assimilação com uma articulação mais próxima que o falante africano faz ao reproduzir sons inexistentes na sua língua materna. Com efeito, a série das fricativas é pouco representada nas línguas da família Níger-Congo, não são atestadas as fricativas pré-palatais. A distinção entre lateral apical e lateral palatal também não é atestada, portanto é bastante provável que tenha ocorrido a troca de sons apontada nos dados coletados.

A reduplicação é um recurso de composição lexical utilizado por muitas das línguas africanas aqui representadas, principalmente empregado como intensificador.

Os sons [r] e [l] ocorrem como variantes livres em muitas línguas da família Níger-Congo, o que autoriza acreditar que o falante de origem africana pudesse produzir a troca apontada.

Os fatos assinalados, se por um lado podem ser atribuídos ao contato do falante de uma língua africana com o português, por outro, não excluem outras possibilidades explicativas, quando encontrados na fala de não descendentes de africanos. Outras línguas com as mesmas características apontadas poderão provocar as mesmas transformações no português, pois aqueles traços não são apanágio do universo lingüístico negro-africano. Tendências internas do próprio português e modificações fonéticas comuns a muitas línguas, como o enfraquecimento das nasais e das consoantes finais, podem levar, ainda, a mudanças semelhantes às produzidas pelo contato de línguas.

## 1.2. Marcas lingüísticas no nível morfossintático

Os fatos morfossintáticos mais representados nas charges são os seguintes :

- ausência de concordância nominal, de número e gênero;
- ausência de concordância verbal, de número e de pessoa.



Duas charges abaixo transcritas permitem avaliar os desvios morfossintáticos na fala dos negros (além de apresentarem outros dados para a análise, aqui não tratados):

(i) Diálogo de Negros-Minas [ pretos de ganho, guerra do Paraguai]

- Entonce, pai Zuaquim; vossuncê tem mêmo mêdo de recludamento?
- Xi! Não fala nesse não! Minha corpo está tremendo tudo!...
- Medroso! Pois eu tá querendo que seu môço urbano mi agarra.
- Está enganado. Quero vortá lá no Sú feito generá, com um penacho bem grande ni cabeça como sinhô velho camamu, para vê tuda as criolinha de olhinho terno para mim.

V. Mola *A vida fluminense* (11/01/1868) (apud Lima, 1963:948)

Nesse diálogo entre dois negros, em que um dos interlocutores é presumivelmente mais velho – recebe o tratamento “pai Zuaquim” – não se observa uma diferença fundamental na fala de ambos: no sintagma nominal, não há concordância de gênero: *Minha corpo*, nem de número: *as criolinha*; não há flexão verbal de pessoa: *eu tá*, o indicativo é usado pelo subjuntivo: *mi agarra*.

(ii) Há um desenho que toma toda a página, onde se vê uma jovem sentada num sofá, tendo, de um lado, um velho, com cartola e caixa de jóias, e de outro, um jovem com chapéu na mão e lenço cobrindo o rosto, escondendo o choro. Atrás da cortina há duas escravas espiando. Há um título:

“A Nação Brasileira entre os dois partidos políticos, no dia da eleição”

(à esquerda) Cons. – Então, és minha, não é assim?

Nação – Que remedio tenho eu senão entregar-me ao Snr.! Eu antes queria o outro, mas elle ficou desempregado e já não me pode sustentar...

(no centro) – Lib. – Ah, perfida!

(à direita, as escravas atrás da cortina) – Uê! E não é que a Sinhá aceitou o velho!

- Chiii! Não é tão cedo, agora, que nós fica forro.

Ângelo Agostini- *Revista Ilustrada*, n. 425,15 de janeiro de 1886

Entre o Conservador (Cons.) e o Liberal (Lib.) a Nação escolhe o partido que desagrade as escravas. Na fala da escrava reitera-se a não flexão do verbo, que permanece na terceira pessoa do singular: *nós fica* e nota-se a não concordância de gênero e número, *forro*, por *forras*.

O diálogo nos mostra o contraste entre a linguagem dos brancos (os dois noivos/partidos que disputam a noiva/nação) e a das negras escravas, evidenciando a distância social que separa os dois estratos sociais; aqueles usam o português próximo do padrão europeu (haja vista a colocação pronominal).

Os dois fenômenos morfossintáticos destacados, tanto no nível da flexão verbal quanto no que se refere à concordância nominal (de gênero e número), podem ser creditados à transferência de modelos de línguas africanas para o português, como se procurará expor a seguir.

As línguas da família Níger-Congo apresentam mecanismos diversos de flexão verbal:



- (i) as línguas dos grupos kwa e benue-congo utilizam preferencialmente morfemas com valor de tempo, modo e aspecto antepostos à raiz verbal; a variação de pessoa e número é indicada pelo índice do sujeito, o pronome sujeito de uso obrigatório;
- (ii) as línguas do grupo banto servem-se de um mecanismo bastante complexo para indicar tempo, modo e aspecto, com o uso de afixos de valores diversos: aspectual, modal, causativo, benefactivo, entre outros; a flexão de número e de pessoa é indicada, também, pela variação do pronome sujeito, de uso obrigatório.

Portanto, qualquer que tenha sido a língua materna do falante de origem africana ela lhe forneceu um modelo de flexão verbal que poderia interferir na aquisição do português, gerando os desvios da norma revelados nas charges.

Quanto à flexão nominal (Creissels, 1991:87-108), deve-se observar que:

- (i) não há flexão de gênero nas línguas da família Níger-Congo, portanto a aquisição da categoria de gênero é um dado novo para o falante negro-africano;
- (ii) na maior parte das línguas kwa e benue-congo, a pluralidade do sintagma nominal é marcada por um elemento prefixado ou por um morfema sufixado ao nome, excluindo-se a marcação dupla. Nas línguas do grupo banto, os nomes são submetidos a uma distribuição em classes identificadas por um prefixo com uma forma para o singular e outra para o plural (podendo ter outros valores suplementares), fato conhecido como *classificação nominal*, que envolve uma relação entre prefixos classificatórios e marcas de concordância no sintagma nominal e na frase.

As distorções da marcação de gênero e número observadas na fala dos negros escravos reproduzidas pelas charges podem ter sido, portanto, provocadas pela atuação do modelo de língua materna. Na indicação do gênero, o falante adquire uma nova categoria, estando sujeito a toda sorte de aproximação possível; na indicação da pluralidade, orienta-se por um modelo de primeira língua em que essa noção está associada a uma marca no primeiro elemento do sintagma nominal.

## 2. Considerações finais

Os textos das charges, apesar de serem amostras de língua escrita e, como tal, estarem sujeitos a reformulações/recriações, revelam fatos lingüísticos resultantes do contato do português com línguas africanas. Muitos dos fenômenos elencados, principalmente no nível morfossintático (concordância irregular de gênero e número), ocorrem em outras variedades de português falado na África, tanto nos crioulos da Guiné-Bissau, Cabo Verde e São Tomé e Príncipe, quanto em regiões onde não se desenvolveu nenhum crioulo, como em Moçambique (Stroud & Gonçalves, 1997). Por outro lado, esses mesmos fenômenos morfossintáticos são notados na fala de estrangeiros, revelando uma aquisição imperfeita ou ainda incompleta do português. Essas evidências mostram que o encontro de línguas diversas com o português pode apresentar um conjunto de fatos que tornam possível um dado fenômeno. Além do ambiente lingüístico favorável, no entanto, deve-se reconhecer a importância dos parâmetros sociais, pois são eles que condicionam a difusão das formas divergentes.





Considerando-se um contexto de mudança do português do Brasil, os desvios da norma culta, nos níveis fonético e morfossintático, apontados nas charges do século XIX, tornaram-se uma variável característica de um grupo social, os negros escravos; permanecem até hoje como um fenômeno em variação, constituindo o estereótipo não só da fala do negro mas, principalmente, das camadas sociais mais desfavorecidas, como se essas repercutissem hoje a fala do negro escravo de ontem. Cabe, no entanto, ressaltar que a variação na concordância de gênero praticamente inexistente, no português atual não padrão e está desaparecendo até em comunidades negras rurais; persiste a variação de número, que tende a disseminar-se para outras variedades de língua falada.

O contato do português com as línguas africanas é um fato entre outros que podem explicar a variação e a mudança observadas no português brasileiro. Numa análise estritamente lingüística, é difícil defender a prioridade explicativa de qualquer um dos fatores comumente apontados como possível explicação para a variedade brasileira de português. Todas as causas levantadas – o contato com outras línguas, a atuação de princípios universais na aquisição de uma segunda língua e a deriva da língua portuguesa – oferecem condições adequadas para a manifestação da variação e a implementação da mudança. No entanto, se colocarmos numa perspectiva sócio-histórica os fatos lingüísticos analisados e considerarmos o fator demográfico – grande presença de africanos e indígenas, no período colonial – teremos argumentos para defender o papel relevante da população de origem africana na constituição do chamado português popular brasileiro.

**RESUMO:** O objetivo deste texto é apresentar e discutir alguns traços considerados como transferência de línguas africanas no português do Brasil. A análise se baseia em charges publicadas em jornais ilustrados no século XIX.

**PALAVRAS-CHAVE:** português brasileiro; línguas africanas; contato lingüístico.

#### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALKMIN, Tania Maria. A variedade lingüística de negros e escravos: um tópico da história do português no Brasil. Trabalho apresentado no II Seminário do Projeto Para a História do Português Brasileiro. Inédito, 1998.
- BONVINI, Emilio & PETTER, Margarida Maria Taddoni. Portugais du Brésil et Langues Africaines. *Langages*, Paris: Larousse, n° 130, 1998 : 68-83.
- SODRÉ, Nelson.Werneck.. *História da imprensa no Brasil*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1966.
- LIMA, Herman. *História da caricatura no Brasil*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1963.
- STROUD, Christian. & GONÇALVES, Perpétua. (orgs) *Panorama do Português Oral do Maputo, vol II A construção de um Banco de "Erros"*. Stockholm Institute of Education GOTAB, 1997.
- CREISSELS, Denis. *Aperçu sur les structures phonologiques des langues négro-africaines*.Grenoble: ELLUG, 1994.
- \_\_\_\_\_. *Description des langues négro-africaines et théorie syntaxique*. Grenoble: ELLUG, 1991.